

Trotiskismo no Brasil (1928-1980)¹

Andreyson Silva Mariano² 
Universidade Federal do Ceará, UFC

Resumo: O presente artigo procura apresentar, através de revisão bibliográfica, uma síntese histórica das organizações trotiskistas brasileiras na temporalidade de 1928 até os anos de 1980. O ano de 1928 foi identificado como marco ou gênese do trotiskismo brasileiro e os anos de 1980 delimitado pela existência de organizações trotiskistas que atuavam no interior do Partido dos Trabalhadores (PT).

Palavras-chave: Trotiskismo; História; Política; Esquerdas; Revolução.

Trotskyism in Brazil (1928-1980)

Abstract: *This article seeks to present, through a bibliographic review, a historical synthesis of Brazilian Trotskyist organizations in the temporality from 1928 to the 1980s. The year 1928 was identified as the milestone or genesis of Brazilian Trotskyism and the 1980s were delimited by the existence of Trotskyist organizations that operated within the Workers' Party (PT).*


Keywords: *Trotskyism; History; Policy; Lefts; Revolution.*

Trotyskismo en Brasil (1928-1980)

Resumen: *Este artículo busca presentar, a través de una revisión bibliográfica, una síntesis histórica de las organizaciones trotskistas brasileñas en la temporalidad de 1928 a la década de 1980. El año 1928 fue identificado como el hito o génesis del trotskismo brasileño y la década de 1980 estuvo delimitada por la existencia de organizaciones trotskistas que operaban dentro del Partido de los Trabajadores (PT).*

Palabras-clave: *Trotyskismo; Historia; Política; Izquierdas; Revolución.*

¹ Este artigo é resultante da Tese de Doutorado *A luta pelo reconhecimento de um grupo outsider do marxismo: a convergência socialista da repressão militar à expulsão do PT (1978-1992)*, defendida em 2019, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor Efetivo da Rede Básica Estadual do Ceará. Pesquisador colaborador do GPOSSHE/IMO (UECE) e GEM (UFC),  ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6680-0359>, e-mail: andreyson_sm@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Desde a morte de Lênin em 1924 até seu assassinato no México, Trotsky sempre se considerou como um continuador de Lênin e um representante do leninismo autêntico contra a falsificação stalinista da herança bolchevique: seus partidários (também no Brasil, se apresentavam como ‘Bolcheviques-Leninistas’). Esta autodefinição não é arbitrária: as ideias de Trotsky sobre o partido de vanguarda, o internacionalismo, a frente única operária, a revolução como processo insurrecional contra o Estado burguês, têm nítido corte leninista. (KAREPOVS; NETO; LÖWY, 1995, p. 223).

O trotiskismo no Brasil só começa a ser estudado por jovens intelectuais nas pesquisas universitárias no período de (1990-2000) quebrando um hiato histórico e a visão única pregada pelo stalinismo durante muito tempo. Esses hiatos históricos ou mesmo a versão da “vulgata stalinista” sobre o trotiskismo não auxiliam na compreensão do fenômeno. Essas pesquisas possuem importância por destacar de forma mais apurada o que significou e qual a influência da esquerda trotiskista na compreensão do passado.

A importância do seu estudo também reside no fato de que, pelo período de mais de 60 anos, as organizações trotiskistas brasileiras buscaram construir um projeto revolucionário sob repressão de diversos governos da burguesia brasileira. O balanço de suas lutas e ideias podem ter sido efêmeros. As rupturas e a quebra dos fios de continuidade das organizações trotiskistas no Brasil representam uma de suas principais características. Rupturas provocadas pelos debates de conjuntura internacional, nacional e a crise de direção a que estiveram sujeitos tais agrupamentos. Mas também foi um elemento de catalisação de intelectuais comprometidos com a revolução socialista, como: Mário Pedrosa, Hermínio Sachetta, Pagú, Lívio Xavier, Florestan Fernandes, Moniz Bandeira. Trazer à tona a história dessas organizações é dar importância uma das as produções significativas do marxismo brasileiro. (COGGIOLA, 2003).

2 SÍNTESE HISTÓRICA DO TROTISKISMO NO BRASIL (1928-1980)

O trotiskismo no Brasil surge por volta de 1928, com as frações nos partidos comunistas da América do Sul. Na realidade, algumas frações passam a ter contato com a

Oposição de Esquerda Internacional que tinha Leon Trotsky a sua frente. Daí em diante surgiram várias gerações de grupos trotskistas.

As primeiras manifestações do trotskismo, em fins dos anos 20, surgiram com uma dissidência na célula 13 do PCB, no Rio de Janeiro e tinha como expoentes da divergência João da Costa Pimenta e Hilcar Leite, as lideranças da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro em completa oposição em torno da política sindical adotada pelo PCB. A Oposição Sindical criticava o PCB por fazer dos sindicatos células partidárias.

Também houve uma ala intelectual que rompeu com o PCB por estar em oposição divergente às diretrizes políticas do Partido que eram extremamente nacionalistas, e por sua aproximação política com a Coluna Prestes. Podemos destacar os nomes de Lívio Xavier, Fúlvio Abramo e Rodolfo Coutinho. Esses militantes do PCB tinham influência na juventude comunista, trazendo Hilcar Leite e Aristides Lobo para as fileiras do PCB.

[...] A partir da intervenção desses homens, a cultura política de esquerda, antes marcada pelo anarquismo, posteriormente pelo comunismo, veria crescer, dentro desse último, e na segunda metade dos anos 20, o que posteriormente se chamou de “trotskismo” ou Quarta Internacional. (NETO, 1993, p. 24).

Diante das divergências internas os dissidentes tiveram acesso aos documentos da Oposição de Esquerda Internacional enviados por Mario Pedrosa, que se encontrava na Europa. Mário entrou em contato com documentos e militantes da Oposição de Esquerda Internacional na Alemanha, logo mais viajando para Paris. Ao enviar os documentos encontrou adesão de Lívio Xavier, Hilcar Leite e Rodolfo Coutinho. Mário Pedrosa havia ficado doente na Alemanha e entrado em contato com Benjamin Péret e Pierre Naville, juntamente com outros escritores surrealistas.

[...] O surgimento do GLC, que contestava a política dos comunistas em favor de uma regeneração do PC nos moldes bolcheviques, colocou o Brasil no debate realizado pelos maiores partidos comunistas do mundo, em que se definiram os rumos da III Internacional (NETO, 1993, p. 28).

Em fins de 1929, Mário Pedrosa foi expulso do PCB por estar ligado a idéias européias (da Oposição de Esquerda). O agrupamento dos setores que dialogaram com

Pedrosa formou o GLC (Grupo Comunista Lênin) que, por volta do mês de maio de 1930, publicou um jornal na cidade do Rio de Janeiro, conhecido como Luta de Classe. Sua ação era dirigida aos trabalhadores mais avançados na consciência de classes, ou seja, aos trabalhadores que representavam uma vanguarda, procurando reverter toda orientação Política do PCB. O GLC não procurava inicialmente combater o PCB, mas recolocá-lo na sua linha política traçada na sua fundação. (NETO, 1993, p. 26).

Somente no ano de 1931 foi formalizada a LCI (Liga Comunista Internacionalista) a qual passou a ser a Seção Brasileira da Oposição de Esquerda Internacional. Suas bases organizativas eram as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Tinha uma atuação dirigente na União dos Trabalhadores Gráficos e inserção por intermédio da Federação dos Sindicatos em diversas categorias: tecelões, metalúrgicos e comerciários, de estações elétricas e transportes. Durante o ano de 1930 foi criado o Boletim Internacional da Oposição de Esquerda da Terceira Internacional, com a presença do grupo brasileiro e outras organizações de outros países. Foi também criado um birô-político e um secretariado, cuja formação influenciou a passagem do GLC para a LCI.

A Liga Comunista, liderada por Trotsky e Rakovsky-ambos deportados e perseguidos por defenderem a integridade dos princípios que em 1917, deram a vitória aos trabalhadores da Rússia, tem um caráter bem definido de fração de esquerda do partido, o que vale dizer: fração de esquerda internacional comunista. Reivindicando o restabelecimento da liberdade de discussão nas fileiras do partido, ela é antes de tudo o reflexo de uma posição histórica: a luta pela regeneração da ditadura do proletariado na URSS, cuja estabilidade vem sendo ameaçada pelo perigo termidoriano, e a continuação proletária em todos os setores da luta de classe. (LIGA COMUNISTA INTERNACIONAL, 1987, p. 93).

Durante esse período esteve também na organização o militante Salvador Pintaude que era diretor da Editora Unitas, o qual fez as primeiras traduções dos livros de Trotsky para a língua portuguesa, contando com a orientação de Mário Pedrosa, Aristides Lobo e Lívio Xavier. Além disso, elaboraram um suporte teórico de análise da realidade brasileira a partir do marxismo.

Pedrosa e Xavier, em *Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil*, analisam o modo de ser da economia “colonial”, o capitalismo e a escravidão, o

seu impasse, a federação e a centralização do poder político como exigência de um capitalismo sob a égide do imperialismo do capitalismo monopolista, as forças aliancistas em 1930 enquanto expressões caóticas mas muito pertinentes à estrutura do nosso desenvolvimento (FERREIRA, 2010, p. 23).

A LCI foi responsável por uma análise da revolução de 1930 que se dedicava a entender tal processo a partir de fatores ligados à dinâmica interna da luta de classes. A LCI destacou como palavra de ordem a reivindicação da formação de uma Assembléia Constituinte, provocando ataques do PCB, que acusou seus militantes de “lacaio do imperialismo”. Para o PCB, o processo da dita “Revolução de 30” foi tão somente um capítulo da luta interimperialista, gerando uma crise e o isolamento do Partido. Além disso, seu mérito residiria também em:

Reunir as diversas frações que se identificavam de um modo ou de outro com os argumentos da Oposição de Esquerda russa, foi um longo caminho que, de fato, só começou a se concretizar em meados de 1930. Nesses anos que precederam o primeiro encontro internacional da Oposição de Esquerda a não organização do movimento contribuiria para a dispersão. Os militantes revolucionários descontentes com o PC ou abdicavam da militância, ou atuavam sindicalmente, com eventuais debates localizados sobre os problemas internacionais do socialismo. (NETO, 1993, p. 127).

A defesa da LCI do “chamado” à Assembléia Constituinte partia da análise da formação histórica brasileira e dos trajetos políticos que estavam colocados. De acordo com a compreensão dos trotiskistas essa Constituinte seria do proletariado, diferente da constituinte burguesa. Isso ocorreria pela via dos soviets (organismos de duplo poder) em paralelo com a elaboração da Constituinte, com autonomia municipal e a gestão direta da população. Isso seria realizado apenas com a guinada da política do PCB, e só seria possível se houvesse uma luta conjunta do proletariado e do PCB na formação dos soviets de forma paralela à Constituinte. A LCI defendia que a unidade nacional efetiva somente poderia ser feita pelo proletariado, em detrimento do conflito burguês de 1932, ou não. Ou seja, somente a ditadura do proletariado poderia libertar o Brasil da dominação imperialista, conservando a unidade nacional. A LCI também caracterizava que a gênese da burguesia brasileira provinha do campo e não do setor urbano, exemplo da Europa e de sua burguesia.

A Liga Comunista foi fundada por Lívio Xavier que manteve seu codinome Lyon, Mário Pedrosa codinome Cunha, Aristides lobo codinome Antônio e mais seis companheiros. Até março de 1933, alcançou o número de 54 adeptos entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Mais do que o número de adeptos de outros grupos. No entanto é importante observar a importância da Liga na radicalidade de sua crítica e de sua intervenção política, a mesma observação feita em relação ao GCL. (BARBALHO, 2003, p. 60).

A atuação sindical dos trotiskistas foi destacada no sindicato dos gráficos, tecelões, ferroviários e bancário e juntamente com os anarquistas formaram a Coligação dos Sindicatos no ano de 1934. Nesse mesmo ano, devido ao impulsionamento dos trotiskistas surgiu uma Coligação das Esquerdas, reunindo também outros grupos como os anarquistas, os socialistas, grupos de operários estrangeiros e também o comitê São Paulo do PCB, que tinha como direção o jornalista, Hermínio Sachetta. Todos esses grupos se reuniram em uma espécie de frente única contra o fascismo brasileiro, o integralismo. Sem dúvida, os trotiskistas da LCI teriam essa unidade como um dos seus principais feitos. (COGGIOLA, 2003, p. 241).

Os trotiskistas Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo já tinham feito análise do fascismo por meio da arte cinematográfica no filme Scarface. Eles fizeram uma espécie de analogia entre o fascismo e a máfia, como uma classe de lupemproletários que havia tomado ou se apossando do Estado sob o apoio das classes dominantes, assim evitando qualquer ascenso revolucionário.

A LCI fez uma frente com a coligação dos Sindicatos e o Partido Socialista Brasileiro (PSB), participando assim da Coligação das Esquerdas ou Esquerdas Proletários que se aglutinaram, procurando disputar as eleições para a Constituinte Paulista e a Câmara Federal. Em seu programa a frente apresentava: reivindicações econômicas imediatas e reivindicações nacionais para as massas. Mesmo sendo um grupo pequeno em relação aos grandes partidos, a Coligação Proletária chegou a ter uma votação mais expressiva do que a Ação Integralista Brasileira e o PCB. Chegaram a ter 8.508 e 8.289 votos respectivamente para a Assembléia e a Câmara Federal. (COGGIOLA, 2003, p. 244).

Provavelmente um feito histórico dos trotiskistas foi de ter participado das lutas antifascistas no dia 1 de maio de 1934, quando ocorreu uma manifestação publica antifascista. Essa manifestação era dirigida e organizada pela Frente ou Liga e os anarquistas. Mário

Pedrosa no mesmo dia, propagandeia pela primeira vez, no Brasil, a urgência de se construir a Quarta Internacional, relatando a política de capitulação do PC alemão, no ano de 1933, abrindo caminho para Hitler. Para se firmar uma frente antifascista, houve toda uma campanha no ano de 1934, com a LCI, os anarquistas e os socialistas ao redor do periódico “O Homem Livre”. O PCB somente ingressou nessa luta antifascista na Praça da Sé, no ano de 1934.

Entretanto, ocorreu uma contra manifestação aos integralistas nesta Praça, resultando em um conflito que teve a utilização de até mesmo armas de fogo. Esse episódio ficou conhecido como “A revoadada das galinhas-verdes”, devido aos integralistas utilizarem camisas verdes. Os jornais noticiavam: “Os pequenos burgueses mussolinianos de Plínio Salgado abandonaram até as camisas na fuga.” (COGGIOLA, 2003, p. 246).

Diante da Quartelada, (Pustch) do PCB, com a tentativa de organizar um levante nacional, a partir de Natal (Rio Grande do Norte), o governo Vargas reprime intensamente o movimento operário. Os trotiskistas combateram e não pouparam críticas ao autoritarismo do PCB nos anos de 1935 e 1936. A esquerda foi reprimida com os trotiskistas sendo presos, exilados. Os dirigentes trotiskistas foram presos, ocorreu a morte do militante Manuel Medeiro. Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo se exilaram na Bolívia, juntamente com outros militantes, como Mariano e Inês Besouchet que presenciariam o surgimento do POR-Boliviano. A consequência do pustch do PCB e da ANL foi à completa repressão e esmagamento do movimento operário sob o governo Vargas. Para os trotiskistas não foi diferente, a sua organização foi completamente cindida.

O fato é que a violenta repressão da ditadura getulista ao movimento operário organizado, partidos e sindicatos, fez com que os trotiskistas praticamente regredissem, de 1936 em diante, ao estágio de grupo de propaganda, cuja maior audiência, desta vez involuntariamente eram os comunistas (Nunca é demais lembrar que este foi o período dos processos de Moscou, em que o trotiskismo era a “besta negra” do movimento operário). (KAREPOVS; NETO; LÖWY, 1995, p. 243).

Os quadros militantes que restaram procuraram se organizar e fundar uma outra organização. Em 1936 no Rio de Janeiro, organizaram a fundação do Partido Operário Leninista (POL), que teve curta duração, sequer chegando a se consolidar.

Nesse período há divergências internas na LCI que provocam a ruptura de alguns militantes como: Aristides Lobo e Raquel de Queiroz, escritora cearense, além de Vitor Azevedo. Esses tecem críticas ao modo “aventurístico” e “militarista” da LCI. Talvez a maior contribuição do POL tenha sido a de realizar balanços consequentes do PCB e seu “desvio direitista” e do integralismo no Brasil, da inexistência da ANL como uma organização própria.

É certo que hoje, 63 anos depois, já com o olhar voltado para a história daqueles anos, não é difícil entender que a dispersão seria o resultado mais previsível para aqueles que se opunham à IC e as suas seções nacionais. Trotsky havia sido derrotado na URSS, “pátria do socialismo”, expulso do PC e do território russo pelo governo que ajudara a construir. O trotiskismo como sinônimo de contra-revolução já havia transposto o território soviético, era utilizado como escudo protetor dos partidos comunistas contra as críticas dirigidas à sua política. (NETO, 1993, p. 127).

Por volta do ano de 1937, diante da façanha golpista do Plano Cohen, em pleno Estado Novo, ocorre a viagem de Mário Pedrosa para a França, onde auxilia e participa do congresso de fundação da Quarta Internacional, em setembro de 1938. Pedrosa foi o único representante da América Latina. Uma outra geração de trotiskistas brasileiros, ou seja, a segunda geração do trotiskismo brasileiro tem sua origem na união entre um grupo de militantes expulsos do PCB, sob a liderança de Hermínio Sachetta que era redator do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB, e dirigente do Comitê Estadual de São Paulo e o POL. O grupo de Hermínio Sachetta, se denominava Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda. A junção desse grupo com o POL deu origem ao PSR (Partido Socialista Revolucionário). Esse partido conseguiu adesão de Patrícia Galvão, a poetisa Pagu, Florestan Fernandes que se afastou do PSR nos fins da década de 40, devido a uma proposta de bolsa de estudos no Exterior. Isso gerou uma crise de consciência em Florestan. (SACHETTA, 1992, p. 43).

O PSR desenvolveu particular relação com o Partido Obrero Revolucionário, dirigido por Nahuel Moreno, e manteve grande identificação com esta organização, pela postura comum que ambos tiveram contra os movimentos

nacionalistas de seus países no final dos anos 1940. (KAREPOVS; NETO, 2007, p. 143).

No ano de 1939, os partidários do SWP norte americano (Socialist Worker's Party's), que era uma Seção da Quarta Internacional nos EUA, entra em uma polêmica com Trotsky sobre o caráter e a defesa da URSS, que Trotsky insistia em defender como uma conquista de classe operária e que perspectiva de um ataque imperialista. Trotsky acrescentava que URSS era um Estado Operário burocratizado, que nesse país havia ocorrido uma “Revolução social” que expropriou a burguesia, mas que uma “costa burocrática” havia se apropriado das conquistas, aproveitando-se dos privilégios para manter o poder. Daí, Trotsky afirma que seria necessário uma Revolução Política das massas operárias contra a burocracia, essa “Revolução política” retiraria a burocracia do poder. Caso tal não ocorresse o capitalismo seria restaurado na antiga URSS. Esse prognóstico de Trotsky foi confirmado 50 anos depois. Os membros do SWP, discordavam da política e análise de Trotsky sobre a natureza da URSS e sua defesa. Um dos principais representantes teoria anti-defensista era Max Schatman, que acabou se desligando da Quarta Internacional. (TROTSKY, s/d, p. 65).

No Brasil, Mário Pedrosa seguiu a tendência anti-defensista. Ele passa a viajar pela América Latina, fazendo propaganda e buscando recrutar adeptos do anti-defensismo. No entanto, no Brasil quem se destacava era o PSR, que passou a se aproximar da Quarta Internacional, passando a ser uma seção desta a partir do ano de 1943. Diante da queda do Governo Vargas, no Estado Novo, e o processo de redemocratização e das eleições presidenciais, o PSR adota a posição de defesa de uma candidatura classista ou o voto nulo. O PSR também elaborou fortes críticas às concepções etapistas do PCB, por meio do periódico Orientação Socialista. Sua atuação era mais concentrada no Estado de São Paulo, onde chegou a ser a principal direção política do sindicato dos jornalistas e o sindicato dos vidreiros. Também tinha atuação no Rio de Janeiro e no Paraná.

Existiram constantes críticas do PSR ao PCB, que para eles exercia uma política de colaboração de classes, ao fazer alianças com a burguesia sob a orientação dos stalinistas soviéticos. Esse projeto se esboçava na “revolução democrática” defendida pelo PCB. Prestes defendia que a linha do partido e sua justa aplicação eram problemas menos importantes. O PCB antes já propunha a unidade nacional em torno de Vargas defendendo

a tese da pacificação nacional como uma tática de combate ao fascismo. Era a conciliação nacional que deveria envolver, também, o proletariado, de tal forma que Prestes afirmava que uma vitória sobre o fascismo era o elemento que também eliminaria o imperialismo, e desse modo, até mesmo o capital estrangeiro auxiliaria o desenvolvimento nacional. Já o PSR pretendia lutar contra o imperialismo, porém não com medidas imperialistas. Os trotiskistas não defendiam uma “revolução democrática” para o Brasil, que era caracterizado como um país de capitalismo retardatário. Na crítica dos trotiskistas às teses do anti-imperialismo do PCB, havia uma forte divergência sobre a teoria do PCB de ter havido um feudalismo no Brasil, e de que não havia necessidade de um tratado teórico para distinguir o latifúndio brasileiro do feudalismo que o PCB avaliava ocorrer no campo brasileiro. Não ocorria uma discordância entre o latifúndio brasileiro e o feudalismo europeu. (COGGIOLA, 2003, p. 253).

Essa tese da feudalidade brasileira foi contra-atacada por uma análise teórica elaborada pelos trotiskistas, na qual procuravam compreender o processo de industrialização capitalista, acentuando suas ligações com o desenvolvimento do capitalismo mundial, identificando, assim, quais eram as relações entre o campo e a cidade diante do capitalismo. De tal forma que o PSR, procurou entender as relações entre a agricultura e a indústria, dentro de um programa em que a produção do latifúndio estava interligada, ou viria a partir da produção capitalista, elucidando e se apropriando da “lei do desenvolvimento desigual e combinado”³.

As teses das Frentes Populares do PCB, que criavam uma ideologia de um capitalismo progressista, com uma burguesia nacional que passava a se enfrentar com a burguesia internacional, levaram até mesmo o PCB a se opor às greves operárias, durante a Presidência da República do general Eurico Gaspar Dutra. O fato foi denunciado e observado pelos trotiskistas como verdadeira capitulação ao governo burguês. O PCB, elegendo os trotiskistas

³ A Lei do desenvolvimento desigual e combinado foi esboçada pela primeira vez na obra: “Balanços e Perspectivas” de Leon Trotsky. Essa teoria procura mostrar como o processo de desenvolvimento de determinadas formações sociais acaba por conter dentro de si as combinações de elementos correspondentes a diferentes etapas do desenvolvimento de outras formações sociais. Em um país como a Rússia Czarista de 1917 coexistiam formações econômicas feudais e capitalistas. Existindo ritmos diferenciados, mas que pertenciam a um mesmo processo histórico.

como principal adversário, não poupou esforços para indicá-los como traidores e colaboradores da burguesia. A política de alianças com a “burguesia progressista” e seu incondicional apoio ajudava a confundir os operários, exercendo uma verdadeira colaboração de classes segundo os trotiskistas. (KAREPOVS; NETO; LÖWY, 1995, p. 229).

Somente pelo combate teórico e político dado pelo PSR ao PCB e suas teses programáticas e políticas já é possível perceber a importância desse partido, PSR, e de seu estudo. Porém, por volta do ano de 1951, depois do III Congresso da Quarta Internacional, Hermínio Sachetta, principal dirigente do PSR, mostra-se descontente com a política que foi votada e aprovada no Congresso. O pablismo, com sua teoria do “entrismo sui generis” nos partidos comunistas, seu rompimento com o trotiskismo, o leva a se orientar politicamente com as posições de Rosa Luxemburgo, fundando organizações com essa orientação política, como a Liga Socialista Independente (LSI) e o Movimento Comunista Internacionalista (MCI). Assim, o PSR se dissolve em 1952, devido, principalmente, à linha política do “pablismo” e ao descontentamento de seu principal dirigente, mas ainda não são claros os motivos. Karepovs e Neto (2007, p. 147) explicam:

Não são claras as razões por que o PSR deixou de existir em 1951 ou 1952. Há, de um lado, indícios do esvaziamento progressivo desse partido após o fim da Orientação Socialista. De outro, existem depoimentos que mostram desacordo das lideranças do PSR com a orientação definida, em reunião penária realizada em fevereiro de 1952, de se fazer “entrismo” dos partidos trotiskistas nos partidos socialistas e comunistas, seguindo as orientações do III Congresso da IV Internacional. Há ainda, outras fontes que afirmam que uma parte da liderança do PSR avaliava que Trotsky errara ao defender a URSS e abandonou o partido, deixando-o ser conduzido por um grupo de militantes jovens e sem experiência política. Talvez não seja incorreto especular uma combinação dos três e é algo que ainda necessita ser examinado.

Podemos destacar uma terceira geração de trotiskistas que se inicia com o POR-T (Posadista) que foi um dos principais partidos trotiskistas do Brasil, inclusive na América Latina. A “quarta posadista”, com sua seção de maior importância na Argentina, foi bem significativa nas décadas de 50 e 60. Teve atuação nas lutas de operários metalúrgicos, nos sindicatos agrários do Nordeste com destacada atuação, através de um dos seus militantes de codinome Jeremias. Tratava-se de Paulo Roberto Pinto que recebeu homenagem de Antônio Candido no livro Quarup. O personagem Levindo, o protagonista, foi inspirado em Paulo

Roberto Pinto, o qual foi assassinado no confronto direto com latifundiários, no ano de 1963, na Cidade de També. Um dos nossos entrevistados, Givan Rocha, teve contato com Jeremias que o influenciou a incorporar-se ao POR-T.

O jornal do POR-T era conhecido como Frente Operária (F.O) e esteve sob a direção do sociólogo Leôncio Martins Rodrigues. No entanto, Posadas, com o codinome do argentino Homero Cristali, sempre filtrava as elaborações teóricas e políticas do jornal, o que demonstrava o quanto as atividades gravitavam em torno dele. Essa forma de Posadas deixava claro o quanto tudo gravitava sob sua órbita, estabelecendo um ultra-centralismo, pois suas elaborações políticas eram muito questionadas por ex-militantes trotiskistas, inclusive dos trotiskistas não posadistas. A linha política do POR-T, seguiu revestida de apoio aos setores nacionalistas e colaboração ao governo do Presidente Jânio Quadros no ano de 1953, tendo-o caracterizado como um governo que apresentava uma política e programa anti-imperialista.

As capitulações do POR-T se expressam no plano internacional devido, principalmente, por ter como orientação política o Secretariado Unificado da Quarta Internacional de Ernest Mandel e Michel Pablo que seguiam toda política pablista. A política de Michel Pablo levava em consideração, e tão somente, os elementos objetivos e com caracterizações e avaliações deslocadas da realidade. Por exemplo, o apoio ao Governo Jânio Quadros e sua caracterização como um governo anti-imperialista é uma demonstração clara de um erro na análise, caracterização e política trotiskista. Outro ponto de destaque é o desprezo, a incompreensão ou a falta de clareza política na estratégia da construção do partido revolucionário de massas. O posadismo e seu sectarismo o levou a criar sua própria Quarta Internacional, rompendo com o Secretariado Internacional, durante o ano de 1959. Posadas tinha se candidatado para a secretaria da Quarta, mas foi derrotado por Lívio Maítan. Em 1962, descontente, acusou os dirigentes europeus de “intelectuais” e criou sua própria Quarta Internacional, a qual era a Posadista, isolando-se ainda mais do movimento de massas e do internacionalismo proletário.

Durante a ditadura militar, o POR-T, assim como vários outros grupos de esquerda sofreram forte repressão. Como exemplo de baixas, ou desaparecidos durante a repressão, no POR-T, tem o caso do operário Olavo Hansen, no ano de 1970, e Rui Osvaldo que teve

contato com os trotiskistas cearenses como Mário Albuquerque que nos relatou o contato. Assim, desde o golpe civil–militar, os militantes do POR-T que não conseguiam ampliar seus quadros, nem atuar nas massas operárias, foram atingidos pela repressão e, com os erros políticos de Posadas, passaram por diversos rachas que geraram a FBT e a organização Primeiro de Maio dos Trabalhadores. O posadismo continuou durante os anos posteriores, mas com um forte esvaziamento.

Excetuando-se o período de 1937-34, a trajetória do trotiskismo no Brasil ficou sempre circunscrita a pequenos agrupamentos, sem que seu posicionamento produzisse qualquer grande efeito na classe operária. No entanto, em uma época em que se contrapor aos partidos comunistas era algo extremamente penoso, pois os PC's carregavam a “Aura” da Revolução Russa consigo, os trotiskistas tiveram o mérito de apresentar umas outras e deitar raízes de muitas das bandeiras hoje hegemônicas no movimento operário brasileiro. (KAREPOVS; NETO; LÓWY, 1995, p. 241).

Nos anos de 1960, outras organizações trotiskistas irão surgir, como o Partido Operário Comunista (POC), que teve inclinação política do secretariado unificado dirigido pelo economista belga Ernest Mandel. Aderindo oficialmente a essa orientação em 1972. Adotando posições de luta armada, nos aumentos salariais, contra o desemprego e a organização com independência de classe. Terminaram com sua dissolução em 1978. Das dissidências e crises do Posadismo se destacam duas outras organizações trotiskistas: a Organização Primeiro de maio e a Fração Bolchevique que acabaram fazendo uma fusão com os lambertistas (grupo de trotiskistas dirigido pelo francês Pierre Lambert). E originaram a maior organização de matriz trotiskista do Brasil naquele período a OSI (Organização Socialista Internacionalista). (CAMPOS, 1981, p. 73).

A OSI sofreu forte oposição do regime militar, suas ideias e política passaram a ser defendidas por meio de sua famosa e ativa tendência estudantil, liberdade e luta, também conhecida como “libelu”. A rejeição da luta armada, e métodos de guerrilha buscando reorganizar os trabalhadores por meio dos locais de trabalho estavam na agenda da OSI. Pregava a criação de uma Central Sindical Independente. Inicialmente se colocou contra a fundação do PT, para nos anos 1980 mudar sua orientação e aderir a proposta de fundação desse partido. (CAMPOS, 1981, p. 74).

No final dos anos de 1970, surge a Convergência socialista e logo depois nos anos 80, outros agrupamentos trotiskistas que destacamos: A DS (Democracia Socialista), A corrente O Trabalho, e a Causa Operária. Todos esses agrupamentos se constituirão dentro do PT, como correntes internas, separando-se dele ou permanecendo. A C.S e a Causa Operária não permanecem no PT, o contrário da DS e O trabalho que permanecem no PT durante os anos de 1990.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos mostrar a importância das organizações trotiskistas para o pensamento marxista brasileiro, destacando a Liga Comunista Internacional como uma primeira geração de trotiskistas, o Partido Socialista Revolucionário a segunda geração, o Partido Operário Revolucionário uma terceira geração e a Organização Socialista Internacional e a Primeiro de Maio dos Trabalhadores correspondentes à quarta geração.

A característica marcante dos grupos trotiskistas seria a sua descontinuidade e sua significativa produção teórica associada às intervenções políticas na luta de classes brasileira. A sucessão de crises de direção e a baixa adesão de militantes foram fatores que impactaram negativamente seu crescimento e os laços de continuidade entre suas gerações.

Referências

LIGA COMUNISTA INTERNACIONAL. Nosso caráter de fração. In: ABRAMO, Fulvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). **Na Contracorrente da História: Documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BARBALHO, Alexandre. **Lívio Xavier: vida e obra**. Fortaleza: A Casa / Expressão Gráfica Editora, 2003.

CAMPOS, José Roberto. **O que é Trotskismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COGGIOLA, Osvaldo. O trotiskismo no Brasil (1928-64). In: MAZZEO Antônio Carlos; LAGOA, Maria Izabel (orgs.). **Corações Vermelhos: Comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Pedro Roberto. O Brasil dos trotskistas (1930-1960). **Cad. AEL**, v. 12, n. 22/23, 2010. Recuperado de: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2519>.

KAREPOVS, Daivis; NETO, José Castilho. Os trotiskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: RIDENTI, Marcelo; AARÃO, Daniel (orgs.). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2007. v.5.

KAREPOVS, Daivis; NETO, José Castilho; LÖWY, Michael. Trotsky e o Brasil. In: MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1995. v.2.

NETO, José Castilho M. **Solidão revolucionária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SACHETTA, Hermínio. **O Caldeirão das Bruxas e outros escritos políticos**. Campinas: UNICAMP, 1992.

TROTSKY, Leon. Em defesa do marxismo. Proposta Editorial, s/d.

Recebido em: 21 de setembro de 2022

Aceito em: 3 de janeiro de 2022

Publicado online em: 3 de janeiro de 2022